



## PAIXÃO & POESIA

Autora: Adélia Bezerra de Menezes

Editora: Ateliê Editorial, 2022

Resenhado por: Edoarda Anna Giuditta Paron,<sup>1</sup>

São Paulo

edoardaparon1@gmail.com

Anos atrás, em uma palestra na SBPSP, o dr. Isaías Melsohn leu uma poesia de García Lorca, que tratava de seu fuzilamento aguardado, e nela havia um refrão... “son las cinco de la tarde... son las cinco de la tarde... son las cinco de la tarde...”, criando uma atmosfera de urgência, temor e desesperança.

O dr. Isaías, após essa leitura, disse que a poesia não apenas falava de fatos e emoções, mas as articulava de maneira que o leitor as pudesse SENTIR.

Mas como traduzir em palavras essas tão fortes emoções, cuja intensidade neste corpo, sensorial que é, ganha presença, mas é protagonista em excesso? Como falar de algo tão inefável como a música, sopro inaugural que se transforma ao longo da vida, que tem ritmo, melodia, timbre, seja na poesia, seja na música? Como expressar em palavras o que a poesia e a música nos fazem sentir?

Desde a tradição oral com os aedos, que levavam o seu canto vivo, para os povoados, para as cortes, em todos os lugares. Desde sempre a maternagem, a inaugurar uma linguagem apenas pressentida, com melodia, ritmo e timbre próprios, mas que permite reconhecer o outro conhecido e confiável.

Do que trata essa mensagem humana presente em todas as culturas, desde o início da vida, nos acompanhando pelos tempos até o soar de “las cinco de la tarde”?

Esse livro trata dessa tradução, que se inicia nas vísceras, no mais profundo sentir de sensações corporais e do qual não se pode prescindir. Trata de traduzir esse universal primário, que transmite e cria o elo de um com o outro. Sem a música, no seu sentido mais amplo, só resta o grito...

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Roberto Gambini, na contracapa, nos apresenta o livro *Paixão & poesia*, dizendo que ele fala da *nostalgia da completude*, e que a própria autora, ela mesma, é “tomada pela busca igualmente apaixonada pela outra metade da palavra, que tanto nos falta, aquela que se aninha no vazio do coração incapaz de expressar o que sente”. Acrescenta que “são os poetas aqueles que sabem nomear estados, contradições e dinâmicas ocultas da alma”.

Adélia diz que,

desde os gregos, o *mythos* e o *logos*, a narrativa mítica e o pensamento racional, são as duas maneiras que os homens têm para se aproximarem da realidade, para a enfrentarem, na busca de uma resposta (vital!) a questões essenciais da vida humana ... Do lado do *mythos* está a poesia, a fantasia, essa maneira de abordar a realidade que a arte propicia, em que entra o concurso das forças do inconsciente ... É a Poesia que nos permite de modo mais intenso e imediato entrar em contato com o cerne da realidade humana.

Para tanto, Adélia não pretende falar sobre o conceito de amor-paixão, mas uma “experiência” da paixão, que os textos da literatura atestam, ao longo dos tempos. Escolhe para tanto alguns momentos fortes da lírica do Ocidente em que se tematiza o amor, da Antiguidade grega e bíblica, até a contemporaneidade: desde um poema do Gênesis, detendo-se no “Cântico dos cânticos”, na lírica de Safo, passando pela poesia trovadoresca medieval, por Petrarca, Camões, até Drummond, Manuel Bandeira, Adélia Prado e, na MPB, Chico Buarque, Lupicínio Rodrigues e Caetano Veloso. Por isso, Adélia considera que “esses textos nos ensinam a *dizer o amor*, que traduziram em palavras ... aquilo que nós todos, humanos que não são poetas, confusamente sentimos e percebemos...”

Essa a função do livro *Paixão & poesia*, em que Adélia é uma tradutora desse lirismo que sentimos, entrevemos de modo obscuro e pungente, permitindo pôr em palavras esse subtexto que o sentir visceral, indizível, nos traz.

Acima de tudo, Adélia salienta que o amor-paixão denuncia a percepção da radical incompletude, trazendo sofrimento, pois “amor é dor”. Daí o seu caráter universal, encontrado ao longo dos tempos, trazendo sempre esse mesmo objeto, embora tingido com as cores do seu período histórico. Alguns exemplos:

Por volta do século 9 a.C., de onde são datados aproximadamente os textos do Gênesis, quando vê a primeira mulher, o primeiro homem cria o primeiro poema – e é um poema de amor:

Então o homem exclamou: “Esta sim é o osso de meus ossos / E a carne da minha carne! / Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem / Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne”. (Gênesis, 2, 23)

Esse poema que Adão dirige à mulher vislumbra sua alteridade: ela é a “outra”, que é separada de si, e que ele *nomeia*.

Num contraponto, Adélia Prado, nos nossos tempos, diz:

Te espero desde o acre-mel de marimbondos da minha juventude. ... / Te espero e não me canso, desde, até agora e sempre. / Amado que virá para pôr sua mão na minha testa / E inventar com sua boca de verdade / O meu nome para mim.

Na canção “Pedaço de mim”, de Chico Buarque, esse mito se evidencia no momento da separação de um casal, em situação de dor, sob o estigma da mutilação.

Oh pedaço, de mim / Oh metade afastada de mim / Leva o teu olhar / que a saudade é o pior tormento / É pior do que o esquecimento / É pior do que se entrevar.  
Oh pedaço, de mim / Oh metade exilada de mim / Leva os teus sinais / que a saudade dói como um barco / Que aos poucos descreve um arco / E evita atracar no cais.

Esses mesmos sofrimentos são criados a partir de uma experiência humana, e de uma perplexidade humana: a dor da incompletude. A autora pergunta: será por isso que encontramos, num dos fragmentos de Safo (século 7 a.C): “Os que são meu bem querer / esses me trazem dores” (fragmento 75), ou ainda: “A minha dor que flui / gota a gota” (fragmento 70).

Discorrendo profundamente sobre as entranhas desses poemas apenas citados, a autora vai tecendo considerações sobre a demanda amorosa, a busca incessante.

O estado de paixão é aquele em que atualizamos a nossa sede de unidade pela percepção de um sujeito que nos poderia completar; mas, ao mesmo tempo, presentificamos a possibilidade, a cada segundo, de sua perda.

Os amantes passarão a vida a procurar a outra metade, daí a nostalgia (do grego *nostos* = volta, retorno; e *algia* = dor), etimologicamente, a “dor do retorno”.

Exemplos paradigmáticos dos *topos* da busca pontilham o “Cântico dos cânticos”, em que a grande constante é a procura, a plangente demanda pela presença:

Avisa-me, amado de minha alma, / onde apascentas, onde descansas / o rebanho ao meio-dia / para que eu não vague perdida / entre os rebanhos dos teus companheiros (“Cântico”, 1, 7)

O amado também busca:

Levanta, minha amada, formosa minha, vem a mim! ... Deixa-me ver a tua face, / deixa-me ouvir a tua voz / pois a tua face é formosa / e tão doce é a tua voz! (“Cântico”, 2, 13).

Inevitavelmente impõe-se uma associação com a música “Ronda”, de Paulo Vanzolini:

De noite eu rondo a cidade / A te procurar sem encontrar / No meio de olhares espio / Em todos os bares você não está / Volto pra casa abatida / Desencantada da vida / O sonho alegria me dá / Nele você está.

E, assim, entre textos poéticos dos mais diferentes tempos, e ilustrações belíssimas, somos convocados a entrar e permanecer no *mythos* para poder usufruir de maneira plena todas as emoções que ele nos suscita.